



casadesarmiento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

MATERIAIS PARA A ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES. CITÂNIA.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1902 | Número: 19

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. Citânia. *Revista de Guimarães*, 19 (3) Jul.-Set. 1902, p. 109-119.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

MATERIAES

PARA A

ARCHEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES

(Continuado da pag. 33)

Citania

1874.

Segundo alguns archeologos d'agua chilra a *Citania*, situada a um quarto de legua do Ave, e a tres e meia da nascente d'este rio, é um *castrum romanum*. Quem bem examinar mais attentamente as velhas ruinarias é obrigado a reformar esta mesquinha opinião. Notemos em primeiro logar que o nome de Citania parece ser *generico*, porque ao pé de Roriz e em Baião ha Citanias, mas a Citania dos tres Briteiros deve ser considerada á parte e estudada attentamente.

O *monte da Citania* (assim chamado pelas freguezias das circumvisinhanças) é um promontorio que resalta de norte a poente na cordilheira de Santa Martha, Sameiro, Espinho, que corre do poente a norte.



Do pincaro mais alto da Citania descobre-se uns tres quartos do circulo do valle que vem da Senhora do Porto d'Ave, até...

O sol é visível d'ahi desde que nasce até que se põe. Do lado do norte o monte encabeça na cordilheira esteril, mas a um quarto de legua ha as luxuriantes freguezias de Sobreposta e Pedralva. É d'aqui que nasce o rio Agrella, que entra no Ave com o nome de Rabello (R-avello?), e que ao sahir da montanha para o agricultado tem um ponto com o nome celebre de *Porto de Guediz*.

A Citania hoje reduz-se a alguns cordões de pedra n'uma extensão immensa (sic) e de quando em quando alguns lanços de muralha e em muitos pontos alicerces visiveis indicam aos mais scepticos uma formidavel linha de fortificações. Em alguns sitios, mórmente do nascente, estes cordões não existem, mas alguns panos do muro e os vestigios d'alicerces vêem-se e a explicação d'esta differença, do lado do nascente e do do sudoeste, está deante dos olhos, quando se repara no alcantilado da posição do nascente e na pedraria dispersa pela encosta do despenhadeiro. Em partes ha vestigios de terem os muros sido abalados violenta e furiosamente e esta derruição do lado do nascente é mais brinquedo de alavanca. As muralhas poderão ter e tinham em partes a largura de tres metros. Alguns lanços e pedras são cyclopeas, mas tambem difficil era encontrar um monte tão irriçado de penhascos, violentamente partidos por um cataclismo, e n'outras partes avidamente corroidos pelo tempo, como as rochas de beira-mar.

O cimento dos muros não existe, ou se existe era lama. Embora o ferro trabalhasse n'aquellas construcções o trabalho é grosseiro; a pedra perfeitamente esquadriada é rara; no entanto em algumas casas circulares (de que fallaremos) a pedra exterior é levemente curva, o que não pôde attribuir-se a um puro achado. N'outras ha signaes de pico grosso, mas pouco fundo, a pedra granito é molle.

Eu começo a minha exploração de longe, vae da levada do Agrella (S.). Parallelo ao ribeiro corre um caminho toscamente ladrilhado, por onde vamos chegar ao alto do monte. Este caminho vira á direita, perde os vestigios na Igreja do Salvador de Briteiros, mas passada a esquina da Igreja encontramol-o de novo e não o perdemos mais. Na fonte do *Ruival* o caminho-rua confunde-se e chegando ao alto das *Almas* tomamos á esquerda até o encontrar de novo ao pé do *Carvalho*. Ahi sobe ingrememente, mas apertado para carro, e em parte escavado pelo enxurro. Depois a rua segue sempre visivelmente ladrilhada até um ponto em que se bifurca. Para a esquerda é ladeada do famoso cordão de pedra, mais ou me-

nos amontoada conforme o alcantilado em que assentava. Andam-se quinze segundos na encosta do monte (meia encosta) até que o cordão corre n'um pincaro fragoso e inacessível do lado de baixo. Este pincaro tem outro adiante, e o cordão da muralha arruinada lá aparece ao longo do cordão de pedra e quinze minutos são necessários para chegar ao ponto cortado por uma estrada-rua, decididamente *porta*. Outro cordão e outra porta: ambas olham para Pedralva. Mas agora ha uma dificuldade. É por este ponto que o monte da Citania pega com a cordilheira; as fortificações não são ajudadas pelo alcantil; ao contrario. Tambem aqui a confusão é maior, e logo acima começa nova ordem de muralhas que vae de norte a sul n'um recinto dez vezes menor (semicirculo). Notemos agora uma particularidade. O cerro do monte de ligação, quer do poente quer do nascente, accusa duas quebradas fundas, innegavelmente obra humana. Estes valles de 5 metros de largo são defesos do lado de Pedralva. Sitio mais acessivel?

Tomemos pelo nascente no sitio onde dissemos que o caminho se bifurcava. O caminho continua e o mais da direita é ladeado por alicerces de muros, mas o cordão aqui, como dissemos, não existe. Tombou pelo alcantil abaixo — um despenhadeiro. É pois quasi impossivel conhecer porta. Seguimos o caminho, mas os vestígios d'alicerces desaparecem e o caminho leva-nos para longe da Citania. Se tomamos á esquerda, subindo, vamos encontrar os dois lanços de cordão de pedra que deixamos ha pouco. Entre este semicirculo e o cordão superior do poente é que parece ter existido — a *briga*. Os fragmentos de barro encontram-se a cada passo, alguns d'uma grossura de duas pollegadas, indicando vasilhas fortes. Em geral este barro é sempre liso. Apparece escumalha de ferro em abundancia, o que indica forja de ferreiro. N'este recinto principal, que terá de diametro tres mil passos, apparecem a cada passo montões de pedras, como de casas que se desmoronassem e estes sitios são planos no cume do monte e juntos. Contêm seguidas 50 (?) casas. Vegecio diz que as casas da antiga Lusitania eram de madeira. As edificações de pedra devem ser relativamente modernas. Em muitas partes os alicerces não dizem se as casas são circulares se quadradas, mas ha-as circulares e mais uma circular mettida n'uma quadrada. Algumas das circulares são em casas menos fortes (?). O diametro de duas que medi é de 4 a 5 metros. No meio ha uma lage com uma cavidade, como de *pivot*. Moinho de vento? N'outras o diametro é do dobro.

Em alguns penedos vi o desenho seguinte :



espiral conjunctiva. N'uma pedra quebrada li — *Civici*. O latínismo é relativamente moderno, é erudito. (Cad. n.º 35, pag. 9 a 12).

*

7 de julho de 1874.

É a terceira vez que lá vou, e ainda estou em principio. A primeira com o padre Manuel de Ribas foi passageira. Hon-tem circuitei-a toda a meia encosta, começando do sul a norte, e a linha que segui foi por cima, porque descobri panos de muros que hoje me escaparam. Vou começar pela d'hoje.

Começa da tapada que fica acima do Carvalho. Continuando a rua ¹, que já vinha do Carvalho e vae tambem para a Egreja, andam-se 388 passos, onde se encontra uma abertura (porta?) entre um cordão de pedra, á esquerda para Pedralva ², á direita para o Ave. A rua é sempre socalcada do lado onde ha talude, e quasi toda recamada de pedra pequena, mas a 38 passos para dentro do recinto perde todos os vestigios. Tomei á direita no circuito do teso que dá para a egreja de Briteiros, verdadeira excrescencia no cone da Citania, seguindo o cordão de pedra, que é ladeado por caminho, quasi sem lages. A 148 passos acaba o cordão de pedra. Todos os vestigios cessam, mas seguindo quasi sempre o caminho, pobremente ladrilhado, a 116 passos achamal-o esganado entre uma hobreira cyclopea da direita (virada ao Paço) e o morro da esquerda, continuando o caminho a descer e na direcção da Senhora do Porto.

¹ Chamo rua a todo o caminho, onde ha vestigios de lagedo, com largura de 2 metros. Ha veredas, em parte lageadas, que se distinguem d'aquellas.

² Este cordão segue sempre o caminho da esquerda e vae corresponder á segunda ordem de fortificações do lado de Pedralva, se bem que com solução de continuidade.

Se o cordão de pedra que temos visto é fortificação, ou por esta linha ou mais por cima deveria continuar-se, senão a entrada por aqui era facil. Eu imagino que a fortificação segue a direcção da hobreira quasi a direito pela borda do teso voltada para a Cavada. Volta para o norte em 50 passos, onde pára á beira d'um caminho escavado e sem lageado. Este caminho, que perde todos os vestigios por dentro, deve, parece, communicar com o primeiro que eu segui e que primeiro chegou ao cordão de pedras do principio. Aqui tudo é confuso. Em frente um caminho lageado, com volta mais larga para a Cavada, e egualmente bem ladrilhado outro que se junta ao primeiro ao fim de 288 passos.

Os dois caminhos são bem socalcados e lageados. No confluente das duas ruas volta-se um pouco para baixo (direita), segue-se um caminho sem lageado e sem vestigios de muros até 412 passos, onde são visiveis os panos de muralha. Mais 60 passos signal de porta para entrada do caminho que, por se ter colleado, olha para a igreja de Ponte.

O caminho segue por cima e por baixo, e este vae na direcção de Santo André. É lageado, mórmente nas voltas rapidas e ingremes, mas muito pouco trilhado pela ultima circumstancia.

Por 350 passos perdem-se os vestigios de muros, que apparecem em seguida á beira d'um caminho extincto, que vira para S. Simão. Encurvando para cima 130 passos (por não haver vestigios para baixo) apparecem vestigios. Mais 212, idem. Mais 208 muita pedra solta. Mais 70 passos um como leito de ribeiro, cortado por dois socalcos, talvez modernos (a palpito). Mais 136, calçada, que segue 240 passos onde se bifurca. Sigo a da esquerda (de cima), ao fim de 213 passos nova bifurcação. Os dois caminhos, que se separaram da linha que sigo e que vae curvando para o norte, vão ter a um promontorio, que se estende quasi parallelamente, como cortina, á Senhora do Porto.

O caminho agora é ladeado d'um cordão de pedra que parece esboço de muralha. Ao fim de 120 passos chega-se á tapada, onde a abundancia de pedra é enorme. Chamam ao local da tapada cemiterio, não sei porque. Fica amphitheatrado por montes. O da frente, nordéste, chama-se Paulinho e por traz fica a Chã de Felgueiras (noticias d'um rapaz d'ovelhas). O caminho, visivel até á parede da tapada, parede cujas pedras são semi-cyclopeas e já pertenciam de certo a velhas fortificações, perde os vestigios, mas continua-o a meia costa da

tapada um como leito de ribeiro, ladeado às vezes de pedra d'um lado e d'outro e que eu segui na distancia de 290 passos até o ponto norte da Citania. Por 190 passos ha um cordão de pedra isolado que não tem facil explicação.

Mas... estou longe das fortificações, muito a norte. Vou a direito da Capella até encontrar a primeira linha exterior e clara de muros. Encontro-a andando 600 passos. (Antes de fazer o circuito de norte para nascente pelo sul quiz vêr onde começava este cordão. Vae na direcção da capella de Donim 117 passos e acaba em penhascos naturaes e quasi inacessiveis, mas a ligação por nordeste não apparece (e veremos que toda esta parte é pobre d'estas obras). Sigamos o cordão para o sul. A 12 passos porta para Pedralva. 260 passos nova porta e caminho que deve ir juntar-se ao primeiro. Este caminho é que eu hei de seguir para procurar a outra linha mais interior das fortificações, porque esta que tenho seguido, valente cordão de pedra, acaba ao fim de 60 passos em penhascos inacessiveis, fechando no leito secco ¹ que o tem seguido parallelamente desde o cume do monte. Este longo cordão que tem a extremidade de nordeste para a capella de Donim, e de noroeste para a igreja de Santa Leocadia, corta todo o monte isolando-o de Pedralva, que parece ter sido o ponto mais vigiado. Digamos, porém, que esta linha quasi recta, se bem que defendida da frente e terminando abruptamente em ambas as pontas, não tem indicios de ligação para o sul e nascente. É preciso procurar-lh'os.

Vamos á segunda linha exterior. Para chegar lá andam-se 635 passos por uma rua aos ziguezagues e em parte extremamente ingreme e por isso pouco ou nada trilhada. Chegamos á 2.^a linha — cunhaes bem accurados, muros cyclopeos e de 10 palmos de largo; alguns panos em pé, raros. Segue-se 240 passos, porta do caminho-vereda, ladeado sempre de cordão de pedras cyclopeas e achegando-se á corôa; 111 acha-se

¹ Este leito secco é notavel e tem para o explicar 1.^o obra humana, 2.^o uma nascente d'agua. A primeira explicação é pouco natural, porque este vallo pouco defendia, e demais ficava atraz e não adiante da fortificação, mas é notavel que para a encosta do Ave encontramos outro que tal. A segunda explicação é ainda mais improvavel; mas a falta d'agua na Citania cria outras difficuldades, que o bemaventurado ribeiro levantaria. Urge explorar este mysterio; procurar se perto ha nascente d'agua que podesse ter sido desviada para aqui.

o socalco cyclopeo (proh pudor!) do Silva (?). 70 passos acaba o cordão n'um acervo de penhascos, onde pára virado para a Ponte e para o sitio d'onde comecei esta exploração. Estou a 20 passos da capella e tenho vindo em espiral.

OBSERVAÇÕES. — O incompleto das minhas explorações não me habilita a dar nada de positivo.

No entanto os seguintes factos liquidam-se. — 1.º A Cita-nia procura communicações para toda a parte; as ruas e caminhos são indício seguro d'isso. Mas, se exceptuarmos os caminhos para o Carvalho e Igreja, todos elles tomam a direcção do norte. — 2.º É tambem do norte que as fortificações são mais visiveis. É a primeira uma linha exterior, que corta toda a communicação com Pedralva desde o cume até á raiz do monte. É a segunda, a começar do cume, cyclopea e a acabar no socalco dõ Silva (mais adiante um pouco) e estreitando o ambito da cidade. É a terceira a da corôa. Noteinos todavia que além da entrada ha outra exterior mais abaixo, examinada hontem, mas hoje desprezada por falta de tempo. A exploração amanhã ha de começar de dentro para fóra levando seguida, pelo menos a primeira e segunda linha, a medição do seu circuito. (Cad. n.º 35, pag. 13 a 18).

*

1874.

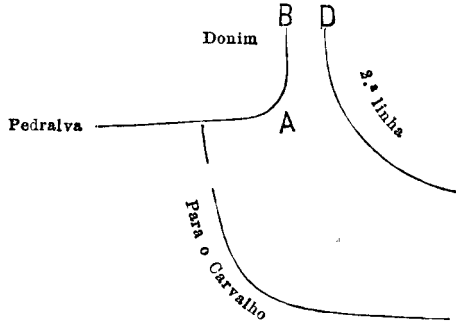
Quarta exploração: as duas primeiras em resumo na terceira.

Tomei hoje á esquerda na porta do Carvalho.

O caminho é ladeado d'um cordão de pedra e chão por 124 passos. Sobee rapidamente e a 144 passos vêem-se vestígios de muro interior e exteriormente sempre o cordão cyclopeo.

Mais 412 passos e os muros rareiam. 133 porta com sahida para a Bouça, torcendo depois para a direita; caminho escavado. Este caminho desce precipitadamente para ao fim de 84 passos ter nova porta, com muros aos lados (cordão). 20 passos topa o cordão n'um acervo de penhascos alcantilados. Estes penhascos continuam-se por mais de 145 passos, porque seguindo uma corda d'este arco de 145 passos cheguei ao caminho por onde hontem endireitei para a segunda linha exterior (sem contar o muro recto contra Pedralva), e onde veio terminar o cordão da primeira linha que hontem segui de Donim para Santa Leocadia.

Vê-se pois que a primeira linha vem do cume do monte (aliás espinha) até á porta do Carvalho. D'aqui á porta de Pedralva na espinha 372 passos. 26 intercessão do cordão que á esquerda vae para Pedralva, á direita para a segunda linha.



Até o cotovelo *a*) 33 passos; do cotovelo *a-b*), onde acaba abruptamente, 64; distancia entre as duas linhas n'este ponto 20 passos. A extrema da linha *b*) e a de *d*) ligavam talvez por um arco; mas d'ahi por diante, pelo lado de Donim, os vestigios são quasi invisiveis.

VARIA.—*Mó*.—Achei a 30 passos do caminho para a segunda linha a metade d'uma mó pequena; diametro dois palmos curtos. Do lado de baixo gasla, poida mas não plana, sobre o concavo. Do lado de cima concavo com um bordo chato de uma e meia pollegada:



Penedo furado.—Entre a Citania (capella) e a porta do Carvalho, a meia distancia, ha um penedo com uma oval de palmo no eixo pequeno. Chamo-lhe penedo, mas é uma grande lasca de dois palmos de largura, 12 d'alto e 15 de comprimento, assente sobre a sua base de 2 palmos e sem ligação com as fragas visinhas, com as quaes fôrma uma furna, aber-

ta por cima, onde cabe um homem deitado. A lasca parecia posta allí artificialmente.

O mais notavel é que o buraco dir-se-ia corroído por agua viva, havendo pela face interior muitas mais escavações do mesmo aspecto, que não chegaram a furar senão no ponto que disse. (Cad. n.º 35, pag. 19 a 20).

*

Quinta exploração — 11 de julho.

Hoje segui pela raiz do monte, por baixo da casa da Maria Thereza e, cortado por uma bouça que fica ao pé da noqueira do Paço, achei um caminho bem lageado, que vae juntar-se á porta do Carvalho.

Onde começa este caminho? Vêl-o-hemos um dia.

Segui depois o cordão de pedra á esquerda da porta do Carvalho para saber o que subia e descia. Sobe até 340 passos; depois é sempre plano até o fecho dos penhascos, defronte da Bouça, — passando 30 passos abaixo dos dois sobereiros, onde a linha do Carvalho conta (além dos 340 supra) mais 246.

Quiz em seguida explorar o caminho que dá pela espinha para Pedralva. Os vestigios do ladrilho perdem-se dentro em pouco. Notarei que por fóra da linha recta da fortificação, e onde ha um renque de penhascos com uma face, não sei se naturalmente, lisa para a Citania (que eu chamava rochedos do Behiston (?)), deve começar uma das nascentes da minha agua de Salgueiros, cuja mina não sei se é antiquissima.

Esta nascente fica innegavelmente muito distante (talvez 600 passos de linha recta), mas quem sabe onde é a verdadeira fonte? A tradição d'um caminho subterraneo em busca d'agua não deve ser desprezada, e este problema historico deve ser procurado.

Quiz saber que vizinhos tinha a Citania; se Lanhoso ficava perto, como me affiançava o Lobo; se por aquelles outeiros haveria ruinarias. Nada. Nada de ruinarias em tantos outeiros e courellas, e mesmo do pincaró onde assenta o marco da triangulação nada de Lanhoso.

A Citania era pois isolada e centro da defeza de Donim e Briteiros. Explorei o lado de Donim. Como tenho dito, as linhas que começam na espinha do monte, cortando-o, acabam para Donim abruptamente. A extrema da 1.ª e 2.ª linhas eram abrangidas com uma ruinaria, a 5 passos, pouco mais ou me-

nos, da aresta da corôa e que a 120 passos mostra fortes panos de muro nos alicerces, socalcos. 150 raros vestígios. 124 grosso pano de muro, indo mais por baixo vestígios de alicerces d'outro. Este ultimo continua em linha recta por 88 passos, e entre elle e a cruz (medirá entre ambos 50 passos pouco mais ou menos) ha montões de pedra, ruínas de casas. A muralha quebra obliquamente para o Ave até 124 passos, mas n'este ponto pôde vêr-se uma linha d'alicerces que passa abaixo do alicerce inferior ao do grosso pano e segue para cima. Adiante 453, quasi em linha recta, acha-se o ponto de junção superior dos dois caminhos que vêm do lado do Paço. Ao lado da parte do de cima vê-se restos de muro e andando 255 passos, a meia encosta e por um carreiro de velho trilho de certo, chega-se aos penhascos, onde veio bater a segunda linha, havendo talvez de penhascos 100 passos.

É pois este ambito de 1:414 passos; e de certo á primeira linha corresponde outro mais largo que vem cercar o outeiro do Fojo e fechar na porta do Carvalho. É o que ha a explorar com attenção, — findo o que ir ao alto (corôa). (Cad. n.º 35, pag. 26 a 28).

*

Sexta exploração.

Ha uma optima rua que vinha dos campos da igreja (não capella) de Donim, mas na aresta inferior do monte a rua pára em penhascos, talvez por causa das desordens do tempo. Esta rua vem subindo pela encosta 260 passos e ahi de repente quebra para cima.

Do lado da falda do monte ha sempre socalco, do de cima estroços anonymos. Mais 12 chega-se a uma plata-forma que apanha a curva do convalle com duas portas para o caminho supra, outra para o norte. Parece que muros de fortim isolado vinham até aqui, porque ha cordões de muros a ligar por cima e n'este ambito muitos destroços. Este fortim está a 50 da encosta do monte.

O *leito secco* do lado do nascente parece fosso. Começa da espinha do monte e fôra da primeira linha. Perto do fosso é que prende a muralha que rodeia pelo nascente e que tinha uma porta para o norte, com caminho que atravessava o fosso e ia contornar a linha avançada.

Innegavelmente a parte mais povoada era a do nascente. Um dos caminhos de Pedralva corta a corôa do monte de nor-

te a sul passando por um convalle para o nascente (ainda na corôa) e descendo suavemente para a igreja de Briteiros, indo de certo sahir á porta do Carvalho.

Amanhã começam as excavações. (Cad. n.º 35, pag. 31).

(Continúa).

F. MARTINS SARMENTO.